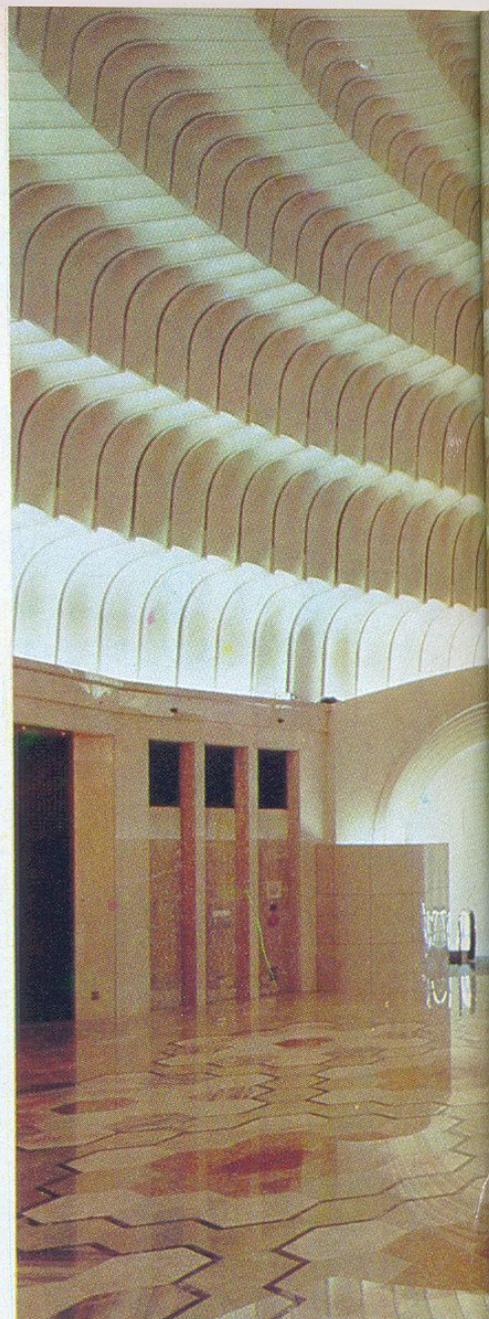
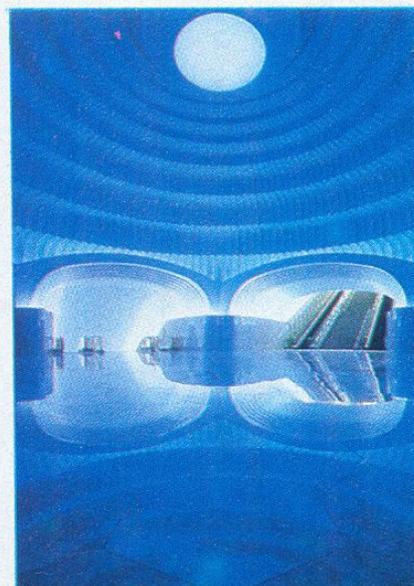
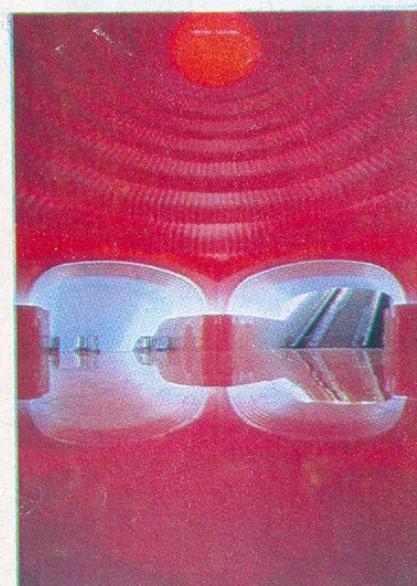
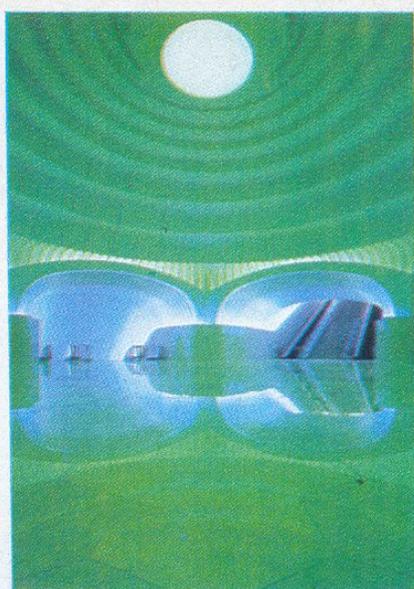
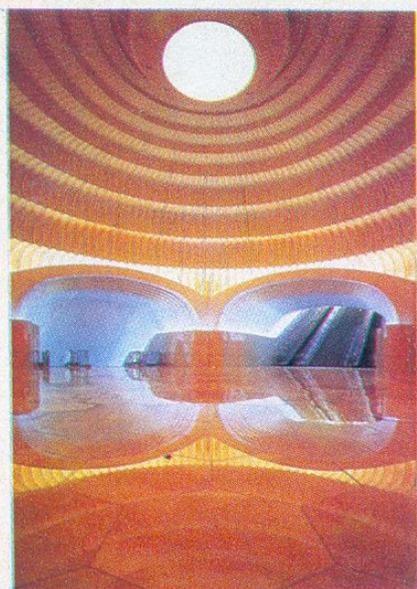




# O Palácio da Beleza

Texto de Cássio Barsante ● Fotos de Masaomi Mochizuki

SITUADO NOS BELOS JARDINS de Zuiun-kyo, na região de Atami — uma das mais características e representativas do Japão —, o Museu de Belas-Artes MOA está intimamente ligado à pessoa de Mokiti Okada, cujo ideal era “cultivar o espírito de nobreza do ser humano, dar-lhe tranqüilidade e fortalecer-lhe o desejo de desfrutar a paz. Em termos mais concretos, tornar o Japão um jardim público do mundo e a fonte de toda e qualquer expressão do belo”, segundo trecho do seu livro *Alicerce do Paraíso*, escrito em 1949.



**E**ntre o terceiro e o quarto lance das escadas rolantes do Museu de Belas-Artes, dedicado à memória de Mokiti Okada, no Japão, existe um arrojado hall orbicular para distribuição de corredores e elevadores para idosos, deficientes físicos e crianças. O mais notável desse hall, além do acabamento em fibra de vidro e mármore provenientes de diversos países, é o sofisticado sistema de som e luz cambiante, como se vê nas fotos destas páginas. O clima proposto prepara o espírito do visitante para as obras de arte em exposição, que devem ser captadas na mesma intensidade de seu ímpeto criador. A arte oriental é feita de minúcias e requintes estéticos que não se coadunam com as mentes atribuladas. Os arquitetos do museu projetaram o edifício nos seus mínimos detalhes, sem se distanciarem da filosofia de seu inspirador: “Concretizar um mundo ideal de eterna paz, consubstanciada na perfeita Verdade, no Bem e no Belo.”

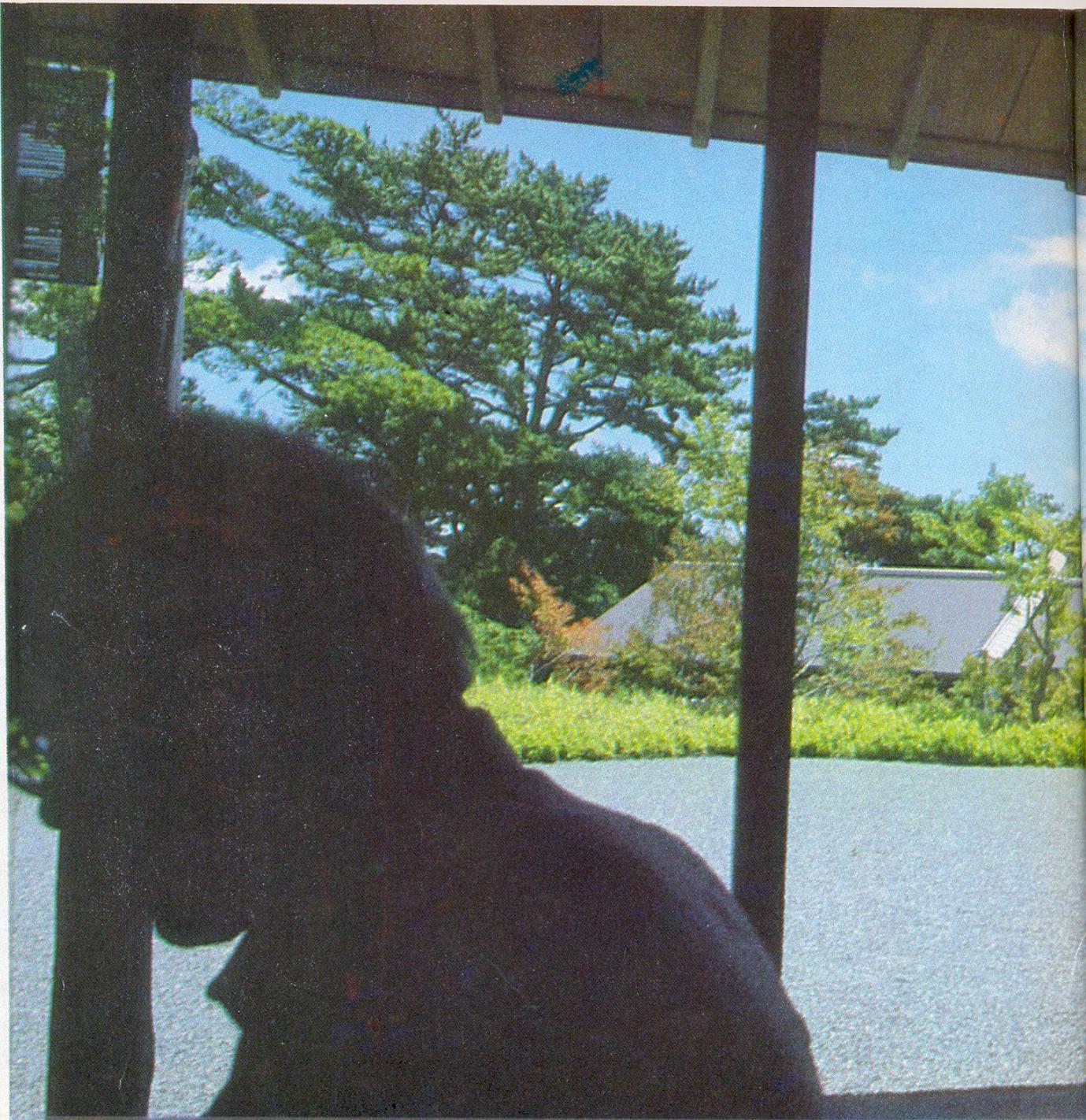


ATAMI É UMA movimentada cidade localizada na província de Shizuoka, na costa da península de Izu, resultado dos movimentos vulcânicos do monte Fuji. A parte baixa da cidade corresponde à cratera do vulcão. Ela é rodeada por montanhas a norte, a sul e a oeste, abrindo-se somente a leste, com acentuado declive, sobre a baía de Sagami. Possui uma das mais bonitas linhas costeiras e fontes naturais de águas termais, razões pelas quais Atami é chamada de *A Nápoles do Oriente* ou *Riviera Oriental*. Uma corrente de águas quentes atravessa o oceano e chega à cidade, contribuindo para a tepidez e a suavidade do clima. Literalmente, Atami significa *mar quente*. Seu nome origina-se de uma lenda da época do Impera-

dor Ninken, quando um sacerdote de nome Mangan Shonin, apiedando-se dos peixes e crustáceos que seriam mortos, dedicou suas orações a Bhaisajya-Guru, implorando-lhe a transferência das águas termais do mar para as montanhas.

Neste local privilegiado pelos deuses, Mokiti Okada começou, em 1946, a construir os jardins de Zuiun-kyo, harmonizando-os com a bela paisagem natural que os rodeia.

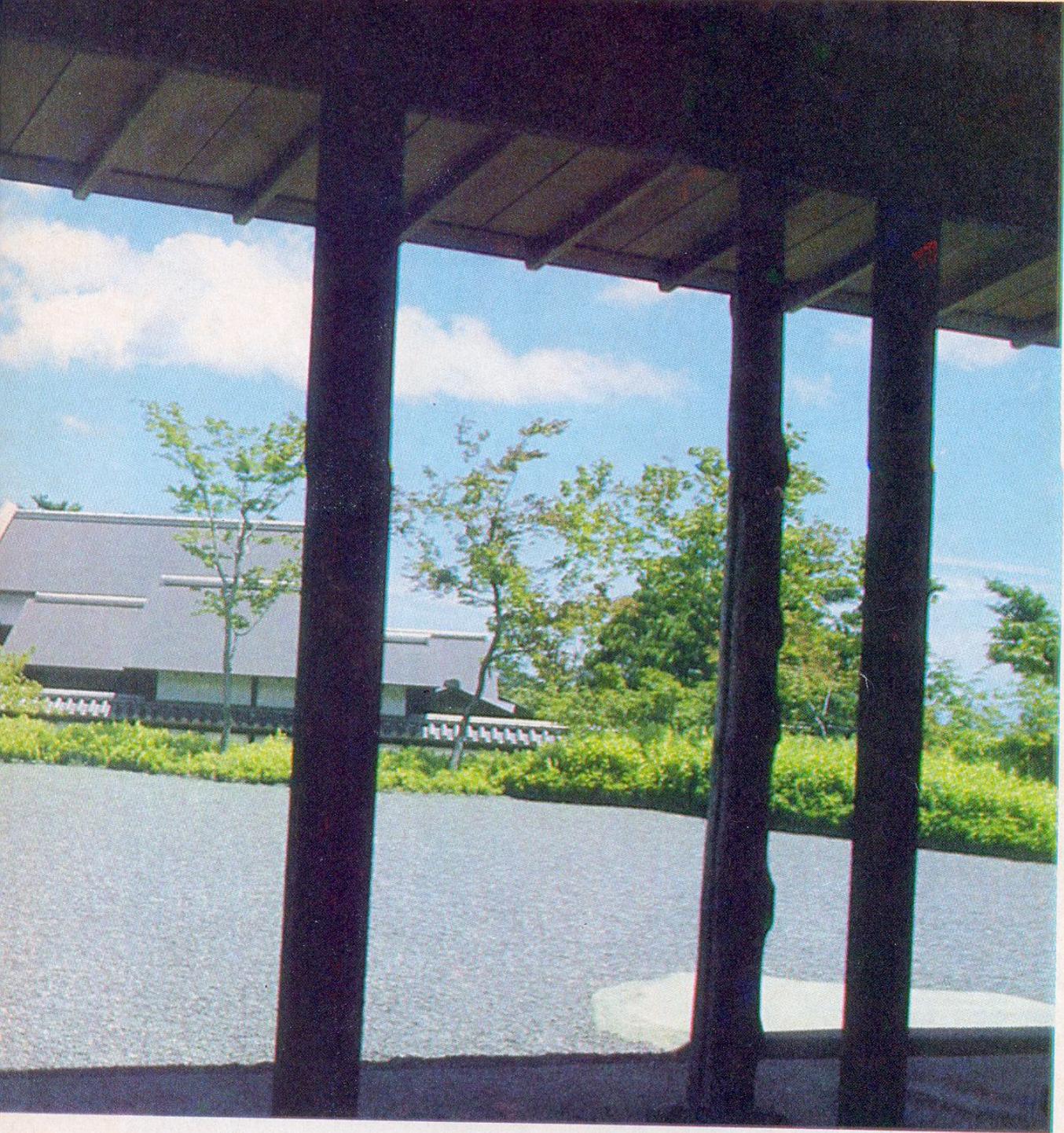
As terras de Zuiun-kyo localizam-se no alto de uma colina, a duzentos metros acima do nível do mar, abrangendo uma área de quase duzentos e cinquenta mil metros quadrados, ali incluindo a área chamada Hoo-dai, onde se ergue o Museu de Belas-Artes MOA.



**P**

*ara transpor uma altura de apenas cinquenta metros, o Museu de Belas-Artes possui duzentos metros de escadas rolantes em inclinação suave (à direita). Na outra página, vista frontal da entrada do túnel escavado na rocha. Uma das preocupações dos arquitetos foi recompor toda a cobertura vegetal com espécies nativas. Na foto maior, o museu visto das janelas da Casa de Chá.*



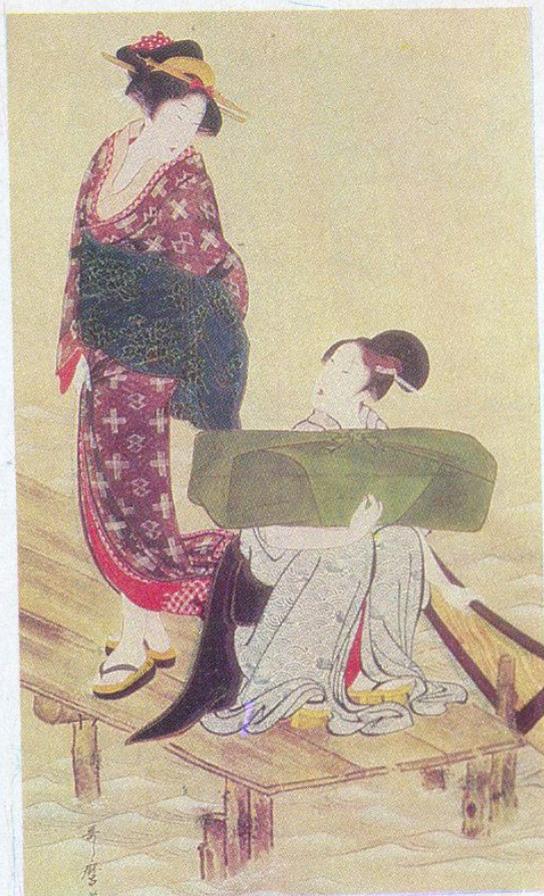


Em 1952, Mokiti Okada manifestou o seu desejo de construir o museu em meio aos jardins, mas nunca conseguiu ver o seu sonho realizado. O museu provisório só foi inaugurado em 1957, dois anos após a sua morte. Em 1971, foi formado o comitê encarregado do planejamento e construção do museu, obra arquitetônica arrojada e fantástica iniciada em 1977 e concluída em 1982, em comemoração ao centenário de nascimento de seu inspirador.

MOKITI OKADA nasceu no bairro pobre de Asakusa, em Tóquio, em 1882. Franzino e adoentado, ele foi obrigado a abandonar o curso preparatório da Escola de Arte de Tóquio aos 14 anos de idade, devido a uma tuberculose. Aos vinte anos, já recuperado, reiniciou seus estudos no campo da arte, dedicando-se ao aprendizado da técnica do *maki-e* (um tipo delicado de decoração em cerâmica) por gosto e por necessidade de se manter. Confiante na carreira que abraçara, Okada, no entanto, feriu o dedo indicador e foi obrigado também a desistir do *maki-e*, que exige criatividade e perfeição.

Foi então que ele decidiu abrir uma pequena loja de miudezas, Korindo, que aos poucos se tornou uma rede atacadista em objetos de adorno, com o sobrenome de seu proprietário, Okada. Ao criar o chamado *diamante Asahi* — um adereço montado com várias lâminas de espelho —, a loja Okada caiu no gosto popular, tornou-se moda e, em pouco tempo, passou a vender a sua invenção para nove países, além do Japão. O período de sucesso e glória durou dez anos, quando sobreveio o grande terremoto de Tóquio (1933) e a loja entrou em séria crise financeira. Com a morte da mulher e do filho e a falência inevitável, Mokiti Okada passou a filosofar sobre a razão e o significado do sofrimento humano. A partir desse momento ele dedicou-se a pregar a criação da “verdadeira civilização”, cujo objetivo seria a “construção de um mundo ideal consubstanciado na Verdade, no Bem e no Belo”.

Em 1935, aos 53 anos de idade, ele fundou uma nova religião — a Igreja Messiânica.





A Bela em Pé, de Kogetsudo Kohan (período Edo, de 1615 a 1867), é uma das peças raras do acervo do museu. Na outra página, ao alto, Mulheres no Cais, e, embaixo, Duas Mulheres, obras em tamanho natural, em xilogravura, em que se nota a suavidade do espírito oriental.





nica — como base para a divulgação de seu pensamento, mas no ano seguinte suas atividades foram interrompidas devido às pressões das autoridades japonesas. A partir dessa data até o término da Segunda Guerra Mundial, quando foi liberado o culto, Okada dedicou-se ao cultivo da terra, pesquisando o método naturalista, e à pintura.

Então, no monte Seisei-dai, foi iniciada a construção do suntuoso Templo Messiânico, com capacidade para mais de quatro mil fiéis. Suas quarenta e três colunas externas fazem lembrar o famoso e solene Partenão, de Atenas, rodeado por um exuberante bosque, um convite à meditação.

A DERROTA DO JAPÃO na Guerra provocou uma verdadeira avalanche de objetos de arte — alguns raríssimos, pertencentes às famílias tradicionais — no mercado interno e, principalmente, no internacional. Foi então que Mokiti Okada decidiu tornar-se colecionador e, assim, evitar a evasão de obras para fora do país. Nessa ocasião, ele revelou à sua segunda esposa a idéia de construir o Museu de Belas-Artes com as três mil peças que conseguira juntar durante toda a sua vida.

Em 1952, ele inaugurou o Museu de Hakone, um embrião do futuro Museu de Belas-Artes aberto em 1982 e administrado pela Associação Internacional Mokiti Okada — MOA, com o objetivo de concretizar um mundo ideal de eterna paz. Ao inaugurar o Museu de Hakone ele disse: “A missão do Japão é contribuir com a beleza para um mundo melhor. Com esse objetivo construí o protótipo do Paraíso terrestre nas terras de Hakone e Atami.”

Com suas linhas arquitetônicas simples, elegantes e singelas, o edifício do Museu de Belas-Artes MOA é dividido em duas partes. A primeira constitui-se de salas de exposições e depósitos. A segunda, de saguão, sala de chá e área de locomoção destinados ao público e que interligam as dependências de leste a oeste. A ligação do pátio de acesso e saída com o prédio central é feita através de um túnel dotado de escadaria convencional, ladeada por escadas rolantes nos dois sen-

tidos, num total de quatro lances, que, através de um espetáculo de som e luz, conduzem os visitantes a apreciarem as obras de arte.

O interior do túnel foi projetado e construído em harmonia com as paredes de fibra de vidro e cimento e o piso de mármore. Foram instalados equipamentos para controlar a luminosidade, a temperatura, a ventilação e a umidade. A inclinação das escadarias foi cuidadosamente estudada com o intuito de proporcionar bem-estar aos visitantes e para que todos pudessem transpor a altura com tranqüilidade. O comprimento total das escadas rolantes é de 200 metros, com altura de apenas 50 metros da entrada do museu. A base de apoio é uma rocha natural resistente que dá o triplo de segurança em casos de terremotos, tão frequentes no Japão.

Entre o terceiro e o quarto lance das escadas rolantes encontra-se o *hall* orbicular dotado de um sofisticado sistema de som e luz combinados de forma onírica transmitindo um clima de magia. Seu teto foi construído em fibra de vidro e cimento lembrando pétalas de flor. As paredes circulares foram revestidas em mármore italiano e português, em contraste suave. No assoalho, utilizou-se mármore italiano, português, indiano, iraniano, cubano e grego, num total de dez tipos diferentes distribuídos harmonicamente como pétalas. No centro do *hall*, há um sistema de espelhos com reflexos de variadas cores integrado ao conjunto de 46 refletores fixados no teto e controlado por computador.

Ao chegar no topo da escada, o visitante depara-se com a escultura *Rei e Rainha*, de autoria do famoso artista inglês Henry Moore, enfeitando a praça de mesmo nome. Em dias claros, o visitante pode apreciar, na entrada do museu, o panorama que se descortina até a linha do horizonte.

MOKITI OKADA PREGOU durante toda a sua vida que “o belo se manifesta pela

forma e eleva o sentimento das pessoas que o admiram”, e que “a beleza natural e a beleza criada pelo homem devem harmonizar-se”. Assim, por ocasião do planejamento da fachada externa do prédio, foram pesquisadas várias cores e tipos de materiais que melhor se integrassem ao ambiente. Depois de algum tempo, concluiu-se que o arenito indiano seria o material adequado, devido às suas qualidades de durabilidade e resistência, e pelo tom que melhor corresponderia aos ideais de Okada. Esse material, de fato, foi utilizado na Índia ao longo da história, em construções de grande porte que ainda conservam o seu estado natural.

UMA DAS PRINCIPAIS TAREFAS de um museu é a preservação de seu acervo. Baseando-se nesse ponto, os depósitos do Museu de Belas-Artes MOA possuem um moderno equipamento de proteção — nos quais são controladas a umidade e a temperatura —, utilizando-se revestimentos de cipreste japonês e cerejeira. Para manter constantes a temperatura a 20 graus centígrados e a umidade a 60 por cento, foram instalados refrigeradores e aquecedores, bem como um gerador próprio que funciona automaticamente caso haja queda de energia elétrica. Filtros pneumáticos eliminam o anidrido sulfuroso, o ácido sulfídrico, o ozônio e outros gases, assim como bactérias, fungos e salitre, danosos às obras de arte.

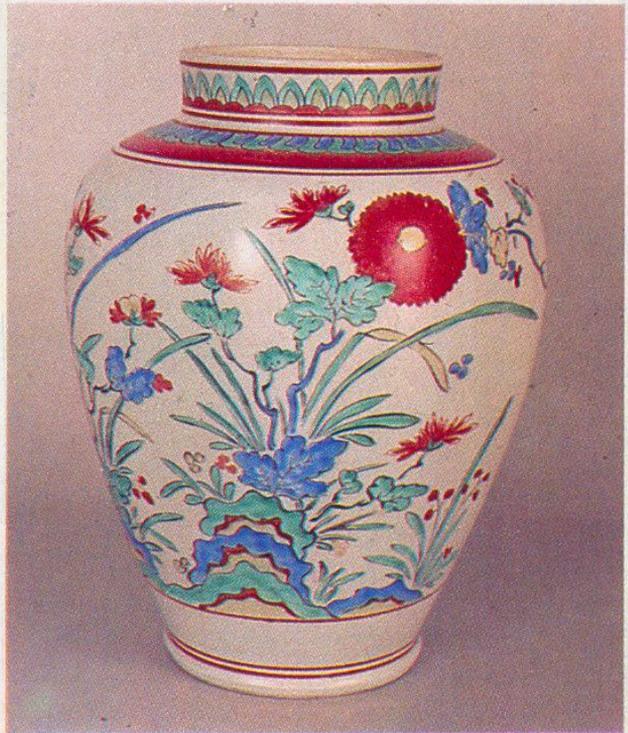
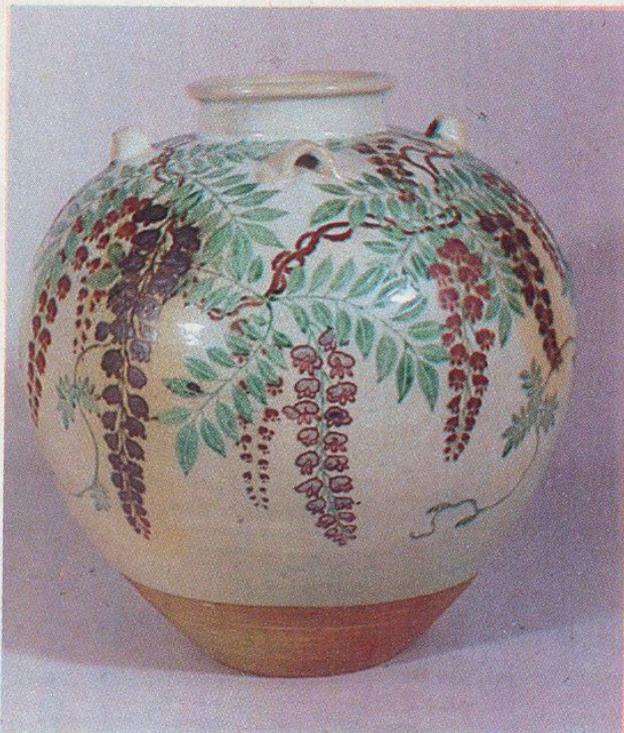
Para os dias chuvosos, foi construído um acesso especial de escadas rolantes, que ligam o túnel diretamente ao edifício principal, podendo ser também utilizado por pessoas idosas e crianças. Pensando nesses frequentadores, o museu foi concebido sem desníveis, bem como instalados elevadores especiais.

Para cumprir a sua missão de um moderno museu e contribuir para a compreensão da arte, o prédio tem à disposição dos visitantes aparelhos audiovisuais em circuito fechado, com tradução simultânea em três idiomas, fixados em boxes, e um auditório para projeção de *videotapes*.



**F**

*oi no início da era Edo (nome antigo de Tóquio) que alguns artistas, insatisfeitos com as pinturas chinesas e os temas clássicos cultuados pelos nobres e samurais, começaram a pintar cenas da vida diária dos plebeus. Essa revolta estética atingiu também a arte da porcelana, como nas peças que ilustram esta página. A destacar, ao alto, à direita, Prato com Desenho de Peônia; e, embaixo, à esquerda, Pote de Chá com Desenho de Glicínias. Nas páginas 122-123, detalhe do biombo Tecelãs e Tintureiras, uma das belas peças do museu.*



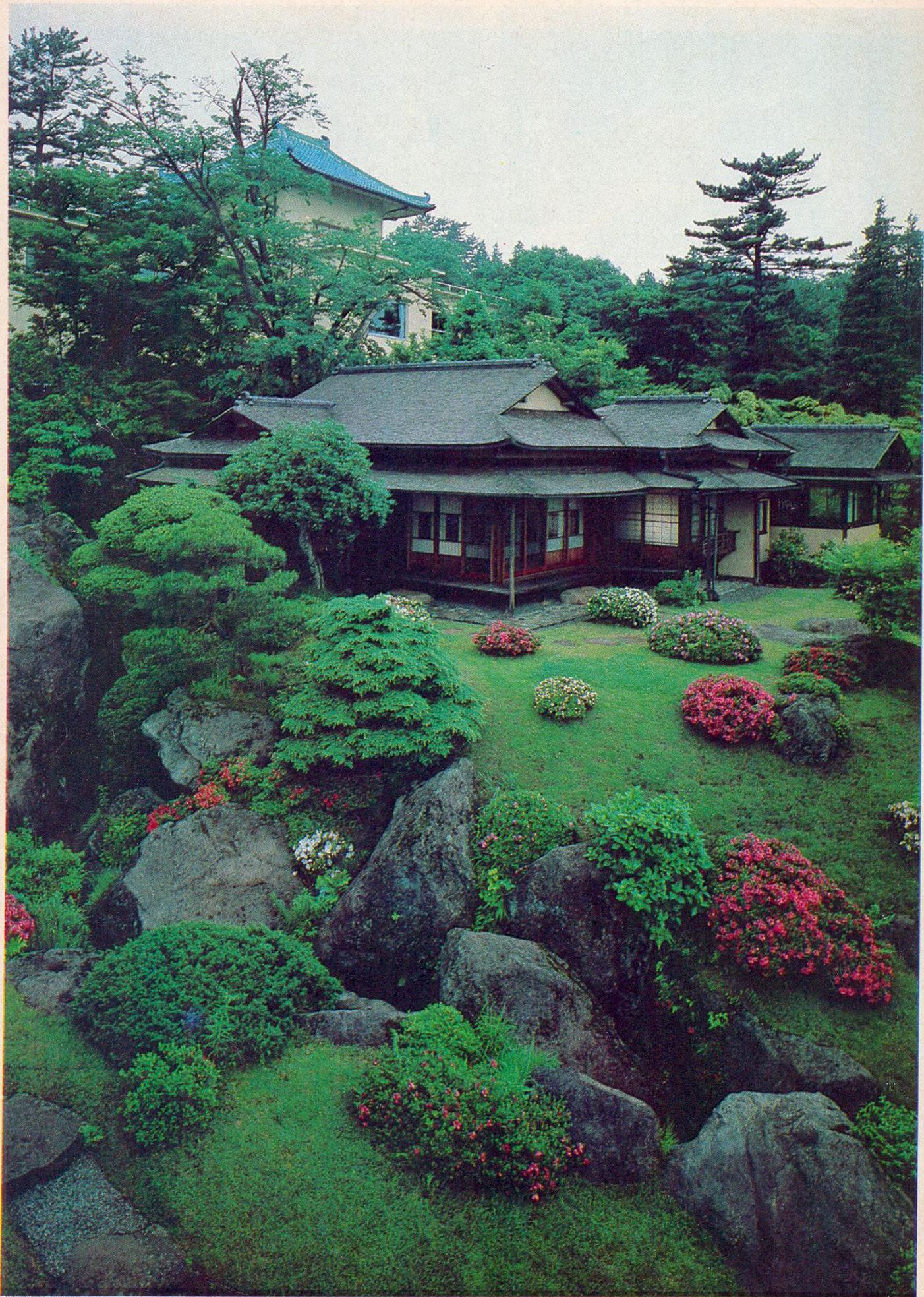
Na parte norte, ao lado do saguão principal, situa-se a sala para o teatro Noh, com capacidade para 501 espectadores. Ela foi projetada para que todas as pessoas possam assistir aos espetáculos, com conforto e boa visibilidade. Seu interior conta com um sistema de calefação especial instalado no piso, para controle da temperatura ambiente, e há também um sistema de tradução simultânea em três idiomas. Ela representa a maneira de o museu ajudar na preservação de uma manifestação artística milenar no Japão.

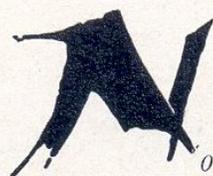
Na área norte do museu encontra-se, também, a Casa para a Cerimônia do Chá, com telhado feito em lâminas de cobre. A austera construção é de pinho-roxo japonês, o que lhe confere uma tonalidade característica, e a sua concepção adapta-se a todos os diferentes estilos da tradicional cerimônia do chá. A sala maior tem capacidade para cem pessoas, e as salas menores, particulares, são independentes entre si e harmonizam-se num estilo de linhas sóbrias. Rodeada por pinheiros e bambus, a Casa situa-se no Monte Iwato, tendo sua fachada voltada para o oceano Pacífico, em frente às ilhas de Hatsuhima e Oshima. O jardim — aliado à beleza do conjunto do museu — procura transmitir aos visitantes a sensibilidade oriental e o espírito do povo japonês.

O Museu de Belas-Artes MOA possui, também, uma sala de chá folheada a ouro. Trata-se de uma réplica da sala de ouro erigida pelo General Toyotomi Hideyoshi no ano 14 de Tensho (século XVI). Juntamente com o mestre Zen Riukyu, Hideyoshi criou uma cerimônia de chá inteiramente diferente, em concepção e beleza, da que então existia. Acredita-se que a partir daí é que houve uma mudança radical no conceito do belo, baseado apenas na conservação da beleza natural e rústica. A história diz que Hideyoshi ofereceu chá ao Imperador Ogimachi, transportando a sala até o palácio. Por isso, a sala do museu é também uma réplica desmontável, feita de acordo com as informações dos documentos existentes.





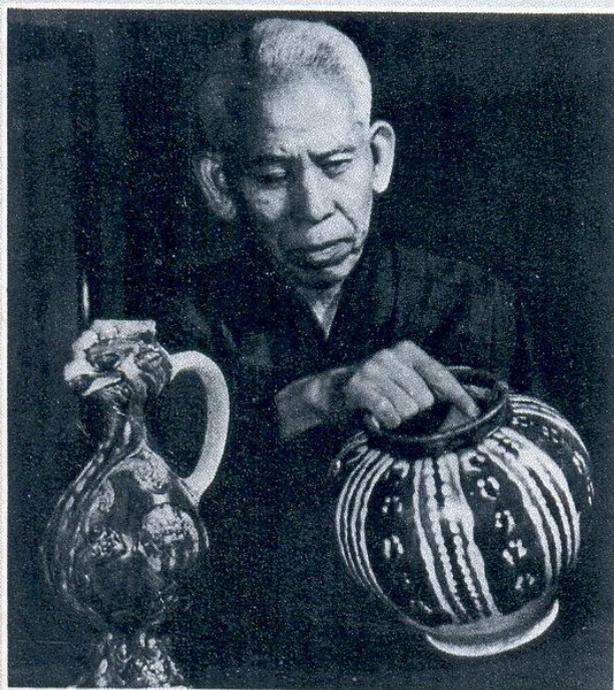




o meio dos jardins de Shinsen-kyo encontra-se o *Kanzan-tei* — a Casa de Contemplação da Montanha, construída no estilo *Sukiya* com um espaçoso jardim, onde no começo do verão florescem as azaléias (foto maior). Em cima, lírios brancos (*Lilium candidum*) que enfeitam os jardins; e, embaixo, o Jardim de Musgos com seus sinuosos caminhos e escadarias de pedra, que proporcionam ao visitante a apreciação da natureza privilegiada, que circunda o Museu de Belas-Artes administrado pela Associação Internacional encarregada da preservação da memória de Mokiti Okada.



## **Fragmentos do Pensamento de Mokiti Okada (1882-1955)**



**“Analisando a história do Japão, evidencia-se que desde a antiguidade têm surgido grandes heróis e guerreiros, a maioria dos quais, utilizando-se da violência chamada guerra, enfeixou o poder em suas mãos. Em quase todos os lugares, podemos ver os males e crimes que eles cometeram, devastando territórios e fazendo o povo viver na pior das agonias. (...) Desde que o Japão foi instituído como nação, o povo tem sido muito sacrificado, vítima dessa situação conflitante. O fato de inexistir uma história do povo evidencia essa desvalorização.”**

**“Refletindo sobre tudo isso, pode-se perceber qual é a missão inata do Japão: por meio da beleza natural e da beleza criada pelo homem, cultivar o espírito de nobreza do ser humano, dar-lhe tranqüilidade e fortalecer-lhe o desejo de desfrutar da paz. Em termos mais concretos, tornar o Japão um jardim público do mundo e a fonte de toda e qualquer expressão do belo.”**

**(Extraído da *Diretriz para a Reconstrução do Japão* — maio de 1949.)**

O Museu de Belas-Artes Moa foi concebido para durar. Seus alicerces estão firmemente apoiados numa rocha a 30 metros de profundidade. Essa rocha é mais resistente que o granito Inada da província de Ibaraki, considerado insuperável. Estacas de ferro e concreto, com espessura de dois metros, garantem ao museu suportar abalos sísmicos de intensidade bem superior à média, e assim preservar para sempre a memória de seu idealizador.

PRÓXIMO AO TEMPLO MESSIÂNICO, com vista para um soberbo panorama, ergue-se o Palácio de Cristal, desenhado pessoalmente por Mokiti Okada. Ao sul, estende-se uma elevação denominada Colina das Azaléias, com milhares de pés dessa planta, que desabrocham entre abril e maio, formando um tapete multicolorido. Existem ali, perto de 150 espécies de azaléias. Sobre um declive suave, junto a essa colina, encontra-se o Jardim das Ameixeiras, onde resistem ao tempo velhas árvores dessa espécie. O Jardim de Zuiun-kyo dá a impressão de ser uma pintura da escola Rimpa, e o Jardim das Ameixeiras foi desenhado em delicados traços curvilíneos.

A flor da ameixeira era a preferida de Mokiti Okada. Existem no jardim 360 pés que rodeiam os sinuosos caminhos e as escadarias de pedra, dispostas de tal maneira que os visitantes podem andar em torno dos jardins e apreciar as árvores de diferentes ângulos. Elas têm também a função de proteger os musgos dos raios solares. O moderado clima de Atami permite que as cerejeiras floresçam em fevereiro. No Zuiun-kyo existem, aproximadamente, 300 espécies de cereja, inclusive a *Prunus yedoensis* e a *Prunus donarium*, plantadas por Okada sobre o declive que existe entre o Templo Messiânico e o Jardim das Ameixeiras. O espírito de Mokiti Okada continua presente em tudo, refletindo o seu pensamento de que “por meio da beleza natural e da beleza criada pelo homem é possível cultivar o espírito de nobreza do ser humano, dar-lhe tranqüilidade e fortalecer-lhe o desejo de desfrutar a paz”. □